

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA

Angélique Parracho Ramos

BRINCAR COM ARTES EXPRESSIVAS E CRIATIVAS EM CONTEXTO PRÉ- ESCOLAR

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar



ISEC Instituto Superior de Educação e Ciências

Julho de 2014

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar

Provas para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

**BRINCAR COM ARTES EXPRESSIVAS E CRIATIVAS EM CONTEXTO PRÉ-
ESCOLAR**

Autora: **Angélique Parracho Ramos**

Orientador: **Professor Doutor José Reis Jorge**

Coorientador: **Mestre Amélia Mestre**

Julho de 2014

Agradecimentos

Porque era impensável conseguir chegar ao fim desta etapa sem todo o vosso amor e apoio quero agradecer-vos.

Quero agradecer aos meus pais, por todo o apoio, compreensão e confiança depositada ao me proporcionarem a oportunidade da realização de um sonho, que é ser educadora. Um especial agradecimento à minha mãe, mulher da minha vida, que sempre me amparou nos momentos mais difíceis, que sempre acreditou que eu era capaz e me ajudou, muitas vezes, na preparação de materiais.

Aos meus irmãos, por também acreditarem que eu era capaz.

Ao meu namorado, o homem da minha vida, o meu melhor amigo e confidente. Obrigada por todo o amor e todo o apoio que me deste ao longo desta minha caminhada. Obrigada por sofreres comigo e celebrares comigo todas as minhas conquistas. Sem ti teria sido muito mais difícil.

Às minhas sobrinhas por simplesmente existirem e serem, sem saber, uma grande fonte de revitalização da mente e do coração. Um obrigada da tia “Gélique”.

Obrigada a uma amizade que me apoiou e me ajudou imenso ao fornecer-me imensos materiais úteis que me facilitassem a construção do presente relatório final. Obrigada Liliana Morgado por acreditares em mim.

Um grande obrigada à docente cooperante por me ter acolhido tão bem na sua sala e que exigiu o melhor de mim na prática desenvolvida. Obrigada às minhas crianças, por me proporcionarem momentos inesquecíveis. Pela confiança depositada em mim e todo o amor transmitido.

Por último, mas não menos importante ao ISEC e particularmente ao meu orientador de estágio, Professor Doutor Reis Jorge, e coorientadora Professora Amélia Mestre, a eles, um grande obrigada!

“Sou do tamanho do meu sonho e...levanto-me, honrando-o. Porque quero ser do seu tamanho. Infinito.”

José Luís Nunes Martins

Resumo

O Relatório Final de Estágio, que aqui se apresenta ao Instituto Superior de Educação e Ciências, destina-se a apresentar o contexto de estágio realizado no Jardim-de-Infância Adriano Correia, entre outubro de 2013 e junho de 2014.

O estágio começou como uma fase de observação e seguiu-se de uma de intervenção, para o qual foi definida uma área de intervenção prioritária: brincar com artes expressivas e criativas em contexto pré-escolar.

A escolha da temática surgiu a partir de duas preocupações. A primeira foi a de que, em conversa com a educadora cooperante, percebemos que faria todo o sentido trabalhar dentro da temática do Plano de Trabalho de Turma: As Artes. E a segunda, que surgiu um pouco mais tarde, foi a de que o grupo, principalmente as crianças de três anos, se encontravam muito inibidas, afetando assim a integração e socialização tanto dentro do próprio grupo como com os restantes intervenientes da instituição.

Foram então propostos quatro objetivos a atingir no final do estágio:

- Proporcionar uma maior liberdade criativa de forma a estimular a imaginação;
- Melhorar a autoestima de cada criança;
- Melhorar a socialização dentro do grupo;
- Aumentar a capacidade de expressão e comunicação.

Após uma investigação da literatura que fosse ao encontro do tema escolhido e após a proposta e a implementação de diversas atividades e estratégias que pudessem promover os objetivos a atingir a autoestima de cada criança aumentou, levando a uma melhor relação entre o grupo e outros intervenientes. O grupo manifestou-se cada vez mais predisposto a atividades de expressão e onde pudessem mostrar o seu lado criativo e imaginativo, revelando satisfação tanto no processo como no trabalho final realizado.

Palavras-chave

Pré-escolar, expressão, criatividade, autoestima, socialização, grupo.

Índice de abreviaturas

OCEPE: Orientações Curriculares Para a Educação Pré-Escolar

TIC: Tecnologias de Informação e Comunicação

Índice geral

1. Introdução	Pág. 9
2. Contextualização da intervenção	Pág. 10
2.1. Localização geográfica	Pág. 10
2.2. Caracterização da instituição	Pág. 10
2.3. Caracterização da sala.....	Pág. 11
2.3.1. Rotinas	Pág. 12
2.4. Caracterização de grupo	Pág. 13
2.4.1. Interações	Pág. 14
2.4.1.1. Relação criança-adulto....	Pág. 14
2.4.1.2. Relação criança-criança...	Pág. 15
3. Perspetivas educacionais	Pág. 15
4. Intervenção	Pág. 16
4.1. Área de intervenção Prioritária	Pág. 16
4.2. Enquadramento teórico.....	Pág. 17
4.3. Prática pedagógica desenvolvida	Pág. 19
4.4. Atividades mais significativas em contexto de estágio.....	Pág. 23
5. Avaliação/ Reflexão Crítica	Pág. 28
5.1. Avaliação.....	Pág. 28
5.2. Reflexão.....	Pág. 32
6. Conclusão	Pág. 34
Referências Bibliográficas	Pág. 36
Anexos	Pág. 39

Índice de figuras

Figura 1 –	Proposta das Atividades.....	Pág.21
Figura 2 -	Área das metas de aprendizagem trabalhadas.....	Pág.22
Figura 3 -	Desenho livre – técnica do lápis de cera e Tinta-da-China.....	Pág.24
Figura 4 -	Desenho livre – técnica do lápis de cera e Tinta-da-China.....	Pág.24
Figura 5 -	Desenho livre – técnica do lápis de cera e Tinta-da-China.....	Pág.25
Figura 6 -	Teatro Todos no sofá.....	Pág.26
Figura 7 -	Teatro Todos no sofá.....	Pág.26
Figura 8 -	Capa da história A Cinderela e o Homem-Aranha.....	Pág.27
Figura 9 -	Ilustrações da história.....	Pág.27
Figura 10 -	Desenho Livre.....	Pág.30
Figura 11 -	Desenho Livre.....	Pág.30
Figura 12 -	Atividade relativa ao pintor Damien Hirts.....	Pág.30
Figura 13 -	Recriação da pintura dos pontos coloridos.....	Pág.31
Figura 14 -	Recriação da pintura giratória.....	Pág.31
Figura 15 -	Desenho A. início do ano.....	Pág.31

Figura 16 - Desenho A. final de ano.....	Pág.31
Figura 17 - Desenho A.P. início do ano.....	Pág.32
Figura 18 - Desenho A.P. final de ano.....	Pág.32

Índice de anexos

Anexo 1 – Fichas de Caracterização da Escola e do Meio

Anexo 2 – Fotos da sala

Anexo 3 – Planta da Sala

Anexo 4 – Guião para a avaliação da organização do tempo e do espaço no jardim-de-infância

Anexo 5 – Plano Curricular Anual da Estagiária

Anexo 6 – Caracterizações inicial e final do grupo e individual

Anexo 7 – Imagens de obras de arte do pintor Vincent Van Gogh

Anexo 8 – História

Anexo 9 – Check-lists mensais

Anexo 10 – Relatórios Diários

Anexo 11 – Observações Naturalistas

Anexo 12 – Registos fotográficos dos trabalhos realizados ao longo do ano

Anexo 13 – Imagens de obras de arte do pintor Damien Hirts

Anexo 14 – Registo - O que mais gostaram de fazer?

1. Introdução

O presente Relatório Final do Ensino da Prática de Ensino Supervisionada refere-se à apresentação da prática educativa desenvolvida no âmbito do estágio curricular, realizado no Jardim-de-Infância Adriano Correia de Oliveira, com um grupo de dezanove crianças entre os três e os cinco anos de idade. O mesmo destina-se à prova de obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar com o objetivo de descrever e relatar todo o estágio realizado.

A prática do estágio dividiu-se em duas fases distintas: a de observação e a de intervenção. A primeira centrou-se no conhecimento do meio, instituição, sala e grupo, o que nos permitiu conhecer e compreender todo o ambiente educativo. A segunda fase, por sua vez, concentrou-se na implementação e desenvolvimento de diversas atividades que fossem ao encontro da área de intervenção mais significativa para o grupo: brincar com artes expressivas e criativas.

Foram então propostos quatro objetivos a atingir no final do estágio:

- Proporcionar uma maior liberdade criativa de forma a estimular a imaginação;
- Melhorar a autoestima de cada criança;
- Melhorar a socialização dentro do grupo;
- Aumentar a capacidade de expressão e comunicação.

Tendo em conta as características do grupo e o tema do projeto de turma ser “As Artes” decidimos que o tema a ser trabalhado seria Brincar com Artes Expressivas e Criativas com maior ênfase na área das Expressões, não esquecendo de trabalhar também todas as outras áreas de forma transversal.

Em termos estruturais, o relatório está dividido por seis pontos distintos. O primeiro é a introdução onde é descrito este relatório. O segundo ponto apresenta as caracterizações do meio, instituição, sala e grupo bem como a importância do seu conhecimento para uma prática adequada. No ponto seguinte, surgem as perspetivas educacionais e formulação de uma área de intervenção prioritária baseada nos dados apresentados nas caracterizações e é apresentada a intervenção, onde está feita a sua descrição e respetiva fundamentação teórica que sustentam a área escolhida. Ainda

neste ponto iremos descrever toda a prática desenvolvida junto do grupo e três atividades mais significativas.

Por fim, o relatório termina com uma avaliação da nossa prática, referindo métodos e instrumentos que ajudaram para essa avaliação, fazendo uma triangulação dos dados recolhidos e observados, uma reflexão crítica da nossa prática e uma conclusão.

2. Contextualização da Intervenção

É através das caracterizações que se torna possível conhecer o espaço envolvente, o próprio colégio, a sala de estágio e principalmente, o próprio grupo e cada criança individualmente. A fase de observação é fundamental, pois, tal como referem as OCEPE (2009) é necessário “observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades (...), para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades” (OCEPE 2009, p.25).

2.1. Localização Geográfica

A ligação do meio à prática pedagógica é de extrema relevância, pois segundo as OCEPE (2009) a localidade a que as crianças que frequentam o Jardim-de-infância influência de forma indireta na educação das crianças. Para a recolha de informação acerca do meio onde está localizada a instituição, recorreremos a fichas de caracterização de Estrela (1994) (anexo 1), adaptadas ao contexto em questão. O Jardim-de-Infância Adriano Correia de Oliveira situa-se no concelho de Lisboa, freguesia dos Olivais.

2.2. Caracterização da Instituição

O conhecimento do contexto institucional na educação pré-escolar é fundamental, pois e como defendem as OCEPE (2009) este deve ser um ambiente que promove o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, sendo assim um dos suportes no trabalho dos educadores.

Para uma melhor caracterização da instituição recorreremos ao preenchimento das fichas de caracterização de Estrela (1994) (anexo 1), adaptadas ao contexto, e à consulta e análise documental do Projeto Educativo do Agrupamento no site do Agrupamento Fernando Pessoa (<http://agrupamentofernandopessoa.pt/>).

O Jardim-de-Infância é constituído por um edifício único composto por quatro salas de atividades. O refeitório situa-se no pavilhão do 1º ciclo e é partilhado com o pré-escolar.

Quanto ao funcionamento, as educadoras dão bastante importância ao trabalho cooperativo e, por isso mesmo, estas atuam em conjunto nas planificações semanais e/ou mensais. Desta forma, os temas a serem desenvolvidos são iguais em todas as salas, mas cada educadora tem liberdade para os trabalhar como entender.

O Jardim-de-Infância não segue nenhum modelo ou filosofia específica, podendo cada educadora escolher as metodologias que preferir e que melhor se adapte ao respetivo grupo.

2.3. Caracterização da Sala

Segundo Rodrigues (2012) o espaço deve ser um ambiente cheio de potenciais aprendizagens e não somente um local onde a criança permanece um determinado momento sob a vigilância de adultos. Ainda segundo o mesmo autor, o ambiente educativo deve retratar a relação ensino-aprendizagem e dever ser um ambiente favorável para diversas situações didáticas para as crianças.

Tal como defende Cardona (1992) a organização do espaço é uma componente fundamental do projeto de trabalho e condiciona os objetivos que o educador define.

O trabalho do jardim-de-infância tem que ser pensado de forma a respeitar as características individuais de cada criança, o que só é possível se lhes for possibilitada uma participação ativa, na organização e no desenvolvimento das diferentes atividades desenvolvidas. E para existir uma participação ativa das crianças, é fundamental a existência de uma estruturação espaço-temporal bem definida e explícita (Cardona, 1999, p. 6).

A sala de estágio (anexo 2) foi a sala D, também designada por sala azul. A sala possuía um espaço amplo e que se encontrava evidentemente separado por diferentes áreas: área da plasticina; área da leitura; área computador (que é apenas para utilização da educadora); área da mercearia e da casinha, área das pinturas; área dos jogos; área da garagem. (anexo 3). Num dos cantos, a sala ainda disponibilizava de uma arrecadação, onde ficavam guardados os materiais trazidos pelas crianças e documentos do grupo. A

organização da sala foi sendo alterada pelo menos três vezes ao longo do ano. Mas esta não foi uma escolha feita pela educadora. A auxiliar é que foi mudado a organização da sala durante as férias das crianças. Esta alteração não teve um fundamento específico nem foi feito a pedido da educadora.

Quanto aos materiais da sala, tudo se encontrava de fácil acesso às crianças. As áreas da sala tinham bastante material para as brincadeiras livres. Além disso, também tinham muitos materiais de escrita e de desenho. Segundo Cardona (2007), a organização do espaço e dos materiais da sala determina que tipo de atividade são passíveis de serem diariamente escolhidas pelas crianças (Cardona, 2007, p.4).

A sala era bastante espaçosa, luminosa e tinha acesso direto à casa de banho e ao exterior.

Esta caracterização foi feita com base o Guião para a avaliação da organização do tempo e do espaço no jardim-de-infância de Cardona (2007) (anexo 4).

2.3.1. Rotinas

Segundo Caruso (2008) as rotinas diárias ensinam à criança a noção de passagem do tempo e o que é esperado acontecer em cada altura do dia e representam segurança. A rotina diária “não deve ser vista como sendo rígida e estática, ela deverá ter um espinal dorsal,mas com mobilidade” (Caruso, 2008) e por isso ser flexível se necessário.

A dinâmica de trabalho e de rotinas na sala de aula (anexo 4) era igual em todas as salas do Jardim-de-Infância. Às 9h00 as crianças começavam a entrar na sala onde marcavam logo a presença e se vão sentar para fazer desenhos nos cadernos. De seguida, das 9h30 até às 10h15, as crianças estavam no tapete, onde comiam o reforço da manhã, o ajudante do dia preenchia o mapa do tempo e cantavam algumas canções ou ouviam uma história. Depois, das 10h15 às 11h00 realizavam propostas de atividades. Das 11h00 às 11h30 as crianças brincavam no recreio. Por fim, entre as 11h30 e as 12h20, as crianças preparavam-se para o almoço, realizando a sua higiene pessoal antes de descer para o refeitório. Quando acabavam de almoçar as crianças eram novamente levadas para o recreio.

2.4. Caracterização do Grupo

Segundo OCEPE (2009), o grupo, é o contexto imediato de interação social da criança, das relações entre a criança e adultos, de criança-criança, e das características individuais de cada criança. Estes fatores influenciam globalmente o processo educativo da criança, e, é por isso mesmo muito importante conhecer bem o grupo com que trabalhamos, bem como cada criança individualmente.

Estrela (1994) identifica a observação naturalista como uma forma de observação focada pormenorizadamente no que se realiza em meios naturais para descrever comportamentos. Neste sentido e através da observação naturalista, foi possível conhecer melhor o contexto de estágio.

O grupo da sala D era constituído por dezanove crianças, onze do género masculino e oito do género feminino. Era um grupo heterogéneo a nível de idades, tendo oito crianças com cinco anos, cinco crianças com quatro anos e outras seis crianças com três anos. Dezassete crianças viviam com os pais, sendo que os restantes dois meninos estavam na “Casa Mão Amiga”, instituição de acolhimento a crianças.

No início do estágio e à medida que fomos conhecendo o grupo e cada criança individualmente apercebemo-nos de que, o grupo, ou a maioria, mostrava confiança em si e nos outros, sendo que as crianças de três anos ainda se mostravam muito inibidas, o que dificultou a integração e socialização com o resto do grupo. No entanto, em termos de autonomia, todo o grupo se apresentou bastante autónomo. O grupo era participativo e demonstrava iniciativa, principalmente as crianças de quatro e cinco anos. Relativamente às atividades e rotinas diárias, o grupo revelou-se participativo e ativo. O grupo tinha as rotinas bem interiorizadas, distinguindo os diferentes momentos da manhã e tinha bastante respeito pelas regras da sala.

Em relação a interesses, o grupo revelou-se bastante curioso, e imaginativo. Apenas as crianças de três anos se mostravam mais contidas e por isso menos expressivas. As brincadeiras eram geralmente entre o mesmo género. As meninas preferiam as brincadeiras de faz-de-conta e da vida quotidiana, como brincar na casinha e na mercearia, enquanto que os meninos preferiam brincar às lutas, batalhas ou até fingir que tinham super poderes. Em relação às atividades orientadas houve sempre o cuidado de não esperar que todas as crianças mostrassem o mesmo interesse e aptidões, tendo em conta que cada criança tinha capacidades e níveis de desenvolvimento

diferentes, principalmente porque nos encontrávamos perante um grupo heterogéneo a nível de idades.

Visto que o nosso grupo de crianças do estágio é heterogéneo, com idades compreendidas entre os três, quatro e os cinco anos, é de esperar que encontremos no grupo várias fases de desenvolvimento. De acordo com as Metas de Aprendizagem para a Educação pré-escolar, as crianças revelaram estar a um nível de aprendizagem adequado para a faixa etária. Para a avaliação de competências do grupo utilizámos uma checklist elaborada com base nas Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar. Cada criança é única e dessa forma conseguimos uma melhor avaliação de competências (anexo 6).

2.4.1. Interações

A educação pré escolar, como defendem as OCEPE (2009) é um espaço que favorece a interação social. Segundo ainda as OCEPE (2009) cabe ao educador e a todos os adultos da sala criar uma ligação com cada criança e fazer com que estas, nesta fase, se sintam como parte do grupo. Grupo este que vai acompanhá-las em todas as suas brincadeiras e conquistas.

2.4.1.1. Relação Criança – Adulto

O grupo era bastante sociável e aceitava muito bem a presença do adulto. Em relação à presença de adultos novos na sala, as crianças de quatro e cinco anos mostravam-se muito curiosas e comunicativas, enquanto que as crianças de três anos sentiam-se mais retraídas, precisando de algum tempo para criarem alguma ligação e sentirem-se a vontade para se expressarem com os mesmos, o que é próprio da tenra idade. O grupo além de mostrar respeito por todos os adultos da sala, também sabia que podia encontrar em nós uma amiga de brincadeiras e confissões.

2.4.1.2. Relação Criança – Criança

O grupo da sala D tinha uma boa relação. Apenas as crianças de três anos se mostravam mais afastadas do grupo, retraindo-se muitas vezes, até em momentos de brincadeira. O grupo em si compreendia que na sala havia diferentes níveis de desenvolvimento e que isso é consequência da divergência de idades. Na sala o grupo não tendia a criar conflitos entre si, criando apenas eventualmente quando o grupo estava reunido com as outras três salas no recreio.

3. Perspetivas Educacionais

Após toda a fase de observação conseguimos observar que o grupo de crianças da sala D, sendo um grupo heterogéneo, tanto a nível de género como de idade, era um grupo muito carinhoso, interessado nas atividades, participativo e cooperante. No entanto, também nos deparámos com algumas preocupações, pois as crianças mais novas da sala, com três anos de idade, revelaram-se muito inibidas e retraídas. Tendo em conta que era o primeiro ano destas crianças no Jardim-de-Infância era natural que estas ainda estivessem um pouco reservadas e tímidas, mas esta inibição levou a uma difícil integração e socialização dentro do grupo o que é normal tendo em conta a tenra idade de algumas dessas crianças.

Tendo em conta as características do grupo e o tema do projeto de turma ser “As Artes” decidimos que o tema a ser trabalhado seria “Brincar com as Artes Expressivas e Criativas”. Dentro deste tema iríamos valorizar a área das Expressões, não esquecendo de trabalhar também todas as outras áreas de forma transversal. Foi elaborado um Plano Curricular Anual da estagiária (anexo 5), nunca esquecendo do seu carácter de flexibilidade, no caso de não o conseguirmos seguir à risca.

O tema “As Artes” era bastante valorizado pelo Jardim de Infância, sendo já o tema do projeto por dois anos seguidos, devido ao facto das crianças mostrarem interesse nesta área, nas visitas feitas a vários museus e trabalhos desenvolvidos em sala.

A educação pela arte é cada vez mais valorizada na educação, pois especialistas acreditam que esta “propõe a expressão livre, o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação” contribuindo assim para o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos e “que motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade” de forma lúdica e livre (Sousa, 2003 p. 24).

4. Intervenção

4.1. Área de intervenção Prioritária – Brincar com Artes Expressivas e Criativas

A área de intervenção trabalhada ao longo do ano letivo foi “Brincar com as Artes Expressivas e Criativas”. Este tema surgiu da preocupação relativa ao grupo de crianças de três anos da nossa sala mostrarem atitudes de inibição e retração, impedindo que estas se relacionassem com os restantes colegas e amigos de sala, tanto em contexto de sala como no recreio. Além disso, este tema também surgiu do facto do tema do Plano de Trabalho de Turma ser As Artes e assim estaríamos a realizar um trabalho conjunto com a docente cooperante, já que este era um dos objetivos principais do estágio.

Com o tema “Brincar com as Artes Expressivas e Criativas” pretendíamos utilizar o jogo e a brincadeira como estratégia de implementação das nossas atividades. A brincadeira é uma aptidão dominante na criança, principalmente em idade pré-escolar.

Sendo um grupo que já estava habituado a desenvolver atividades que promoviam o gosto e interesse pelas artes, fazendo até diversas visitas a museus de arte, foi importante não só continuar com este contacto.

Os principais objetivos deste tema a serem desenvolvidos junto do grupo foram:

- Proporcionar uma maior liberdade criativa de forma a estimular a imaginação;
- Melhorar a autoestima de cada criança;
- Melhorar a socialização dentro do grupo;
- Aumentar a capacidade de expressão e comunicação.

Através não só da contemplação e produção de obras de arte, mas também de pequenas atividades de expressão corporal, de expressão de emoções e de desenvolvimento da criatividade.

Foram, ao longo do ano letivo, planejados jogos dramáticos, onde as crianças puderam dramatizar pequenas histórias através de diversos suportes ou até mesmo apenas desempenhar pequenos papéis e atividades da vida quotidiana. Foram também planejadas sessões de movimento e expressão ao som de diversos sons, músicas e ritmos. E por fim, também conhecemos diversos artistas e a partir daí realizamos atividades relacionadas com os mesmos, dando continuidade ao trabalho já realizado pela Educadora da sala.

É importante salientar que, tendo trabalhado um tema virado para as expressões, não foram postas de parte as restantes áreas de conteúdo e que as mesmas foram trabalhadas transversalmente durante o ano letivo.

Para uma melhor organização das atividades foi elaborado um Plano Curricular Anual da estagiária (anexo 5), nunca esquecendo do seu caráter de flexibilidade, no caso de não o conseguirmos seguir à risca havendo atividades que se revelem mais significantes para o grupo.

Não esquecendo, foi também de extrema importância proporcionar a todas as crianças do grupo da sala D as mesmas experiências, mas nunca esquecendo que não devemos esperar o mesmo tipo de envolvimento e desempenho, já que nos encontrávamos com crianças dos três aos seis anos de idade, encontrando-se em fases de desenvolvimento diferentes, e que por isso mesmo foram implementadas diferentes estratégias para diferentes grupos de idades.

4.2. Enquadramento teórico

Como já foi referido acima, a área de intervenção centrou-se no tema Brincar com Artes Expressivas e Criativas.

Antes de mais será importante fazer uma definição de Arte, Expressão Criatividade, Educação Artística e de Jogo.

Segundo Coelho (1960, citado por Sousa 2003), a arte é um ato de comunicação e expressão dos sentimentos, sendo vista como forma de expressão de emoções. A expressão é exatamente a exteriorização de todos esses sentimentos e emoções mais profundos.

A expressão é como um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser. Expressar é tornar-se vulcão. Etimologicamente, é expulsar, exteriorizar sensações, sentimentos, um conjunto de factos emotivos. Expressar-se significa realizar um acto, que não é ditado, nem controlado pela razão. (Stern, 1991 citado por Sousa, 2003, p.165)

Nesta linha de pensamento, mais especificamente à expressão plástica, Leite e Malpique (1986) acreditam que esta é a forma que, desde muito cedo, as crianças encontram para libertarem as suas energias. E que embora estas podem até não ser entendidas pelas crianças, contribuem particularmente para o seu desenvolvimento harmonioso.

A criatividade é a capacidade de imaginação. Vygotsky defende que a criatividade é o ato de criar e recriar, e que é nesses momentos que a criança imagina. O mesmo autor defende ainda que a criatividade não se limita apenas na criação de obras de arte e que esta está presente nas brincadeiras de criança, nos seus desenhos e jogos de faz-de-conta. Para reforçar Vygotsky defende ainda “que quanto mais ricas forem as experiências pessoais prévias, mais material a imaginação terá à sua disposição” (Mozzer, 2008, p.7).

A educação artística pressupõe a integração de todas as disciplinas, refere-se “a uma educação com objetivos voltados para o desenvolvimento harmonioso da personalidade, o que significa uma educação que igualmente actue nas dimensões biológicas, afectivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade, de modo harmonioso” (Sousa, 2003, pág. 61)

Nesta linha de pensamento, Fróis (2011) defende que a educação artística promove e contribui para o desenvolvimento da sensibilidade e o desenvolvimento da criatividade, permitindo possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas, bem como de criação, reflexão e compreensão que favorecem a construção da identidade pessoal e social.

Na perspectiva de Pocher (1982) a educação artística pressupõe nas crianças não o desenvolvimento de aptidões artísticas específicas, mas sobretudo “um desenvolvimento global da personalidade, através de formas as mais diversificadas e complementares possíveis de atividades expressivas criativas” (Pocher, 1982, p.25)

Assim, sobre o papel da educação artística na educação pré-escolar tem a responsabilidade de permitir à criança exprimir-se “livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções” (Rodrigues, 2002, p.14)

Segundo Godinho e Brito (2010) a educação estética/artística deve estar presente na convivência que as crianças estabelecem com o meio ambiente natural e cultural que as envolve, no qual contactem com diferentes formas de expressão artística. Torna-se assim essencial, segundo os mesmos, que as experiências de aprendizagem que vivenciam no domínio das expressões assentem na experimentação e fruição de forma a contribuírem para a construção da sua personalidade.

Por fim, Sousa (2003) defende que a arte pode ser vista como forma de jogo, pois “possui sempre algo das características lúdicas do jogo”. Quando a criança pinta, desempenha um papel, dança ou canta, esses jogos podem ser considerados jogos artísticos eminentemente expressivos e criativos. E sendo o jogo uma atividade que proporciona grande prazer e satisfação à criança, o mesmo permite efetuar conquistas para o seu desenvolvimento.

Tendo em conta estas definições, o nosso objetivo ao longo do ano letivo é exatamente a de promover a educação artística através do jogo, das brincadeiras de crianças já que “A tendência lúdica surge na criança como dominante.” (Magalhães e Gomes (1964, citado por Sousa 2003) nunca esquecendo de não atuar apenas nas expressões artísticas, mas sempre tentando articular todas as áreas de conteúdo. Tal como referem as OCEPE, 2009 todas as áreas de conteúdo devem ser consideradas na prática educativa “no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente” (OCEPE, 2009, p. 48).

4.3. Prática Pedagógica Desenvolvida

De acordo com as OCEPE (2009), para que a educação no pré-escolar possa contribuir com uma maior igualdade de oportunidades, é necessário uma pedagogia

estruturada, que permita ao educador organizar o processo pedagógico, planejando o seu trabalho e avaliando o processo, bem como o contributo que possa ter nas aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

A segunda fase do nosso estágio (intervenção) dividiu-se por duas etapas. No início da nossa intervenção, antes ainda de percebermos qual seria a área prioritária a ser trabalhada, começámos por desenvolver atividades que fossem ao encontro das planificações e temas escolhidos pela docente cooperante. As planificações das educadoras eram semanais e/ou mensais e todas tinham um tema e subtemas a serem trabalhados com o grupo. Durante todo este período, foi essencial discutir previamente com a docente cooperante as atividades a propor, pois possibilitou-nos a reformulação de atividades que pudessem não ser adequadas. Tentámos desenvolver atividades dinâmicas que apelassem ao grupo, o que nem sempre se tornou possível e tivemos algumas atividades onde fizemos uso de fichas.

De acordo com Arends (1995), devemos construir contextos de aprendizagem produtivos, isto é, locais estimulantes onde as crianças revelem atitudes positivas, demonstrem um elevado nível de motivação para o sucesso e envolvimento nas tarefas propostas.

Após algumas semanas de intervenção e da caracterização do grupo (anexo 6) já conhecíamos bastante bem o grupo e cada criança e após termos percebido qual seria a área de intervenção prioritária a ser desenvolvida começou a segunda etapa da nossa intervenção. Em diálogo com a educadora cooperante foi proposto o tema Brincar com Artes Expressivas e Criativas que foi logo aceite pela mesma e demos início à segunda etapa da fase de intervenção. Como já foi mencionado anteriormente a nossa intervenção direcionou-se mais especificamente para a área das Expressões, nunca esquecendo de trabalhar de forma transversal todas as outras áreas das Metas de Aprendizagem. Revendo toda a nossa prática, julgamos que houve um bom trabalho, no sentido em que conseguimos desenvolver diversas atividades em quase todas as áreas. As TIC não foram possíveis de ser trabalhadas, tendo em conta que o computador da sala era para uso da educadora e não das crianças. As áreas mais trabalhadas foram sem dúvida as áreas da Formação Pessoal e Social e do Conhecimento do Mundo, pois estavam diariamente presentes nas rotinas da sala e, por isso, em todas as planificações.

Na hora do tapete as crianças tinham de se respeitar uns aos outros, não interrompendo nem os colegas nem os adultos da sala, e respeitando sempre a escolha

do chefe do dia, escolhido aleatoriamente. Na realização das tarefas do chefe do dia, que tinha a responsabilidade de ajudar os colegas na marcação das presenças e o dever de preencher o mapa do tempo. Em todas as atividades realizadas pelo grupo, onde estes tinham de partilhar todos os materiais e mostrar trabalho de equipa e de cooperação.

O Conhecimento do Mundo foi também trabalhado diariamente, no sentido em que a introdução ao tema das atividades era feita todos os dias, antes de iniciarmos qualquer proposta, onde era dado espaço ao grupo para questionar, participar e propor.

Ainda relativamente à prática desenvolvida faz sentido refletir sobre todas as atividades realizadas. Deste modo, apresentamos de seguida uma tabela de análise às propostas previstas e realizadas, não previstas e realizadas e previstas e não realizadas (Figura 1) de acordo com todas as áreas das metas de aprendizagem e uma tabela de análise às áreas das metas de aprendizagem trabalhadas durante a intervenção (Figura 2).

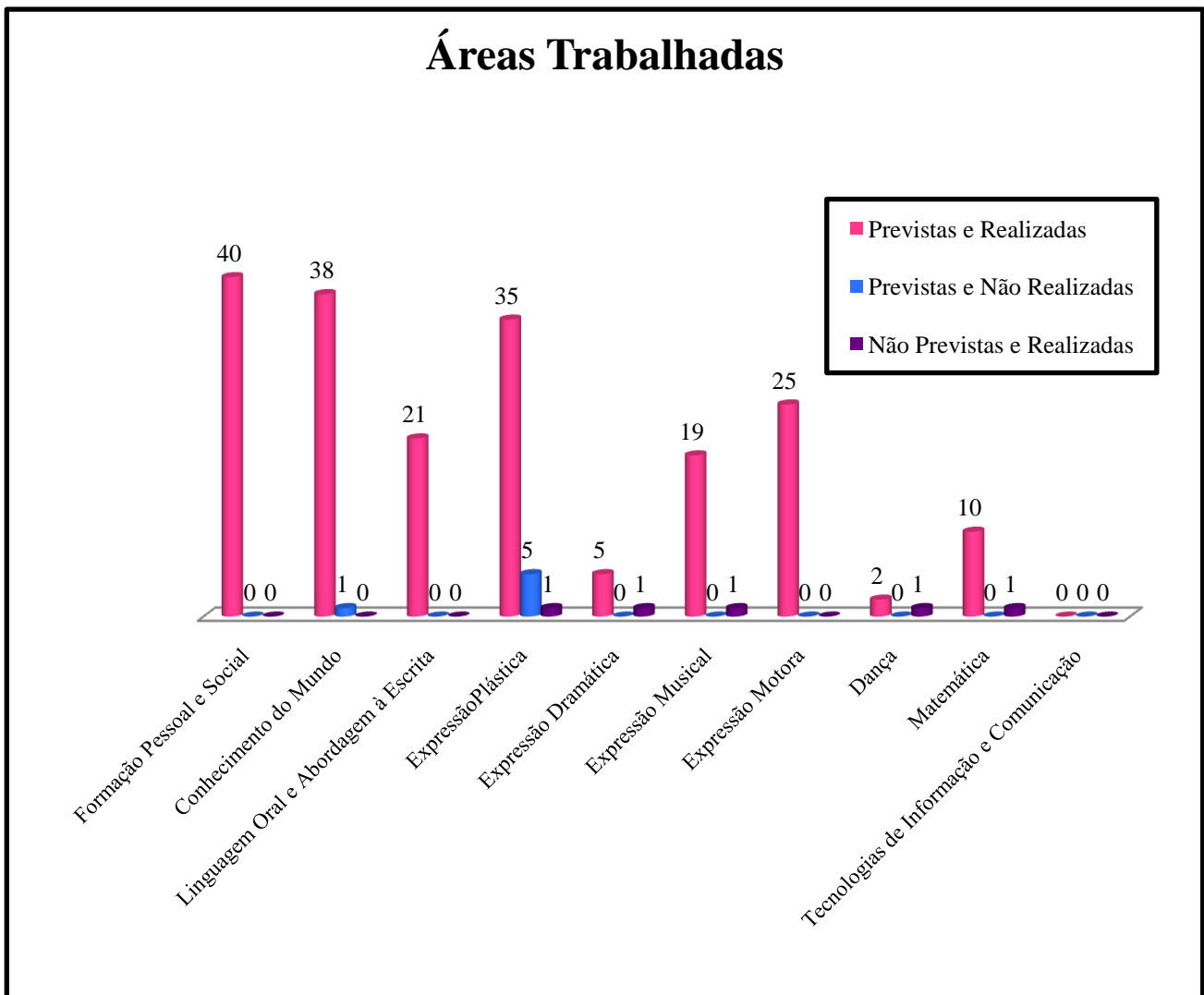


Figura 1 – Áreas trabalhadas em contexto de estágio de acordo com as metas de aprendizagem

Como podemos observar na Figura 1 as atividades planificadas foram, na sua maioria, realizadas. Relativamente às atividades previstas e não realizadas e não previstas e realizadas estas foram muito poucas. O facto destas últimas serem tão escassas deveu-se à grande colaboração da docente cooperante e de todo o feedback dado ao longo de toda a nossa prática em momentos de planificação.

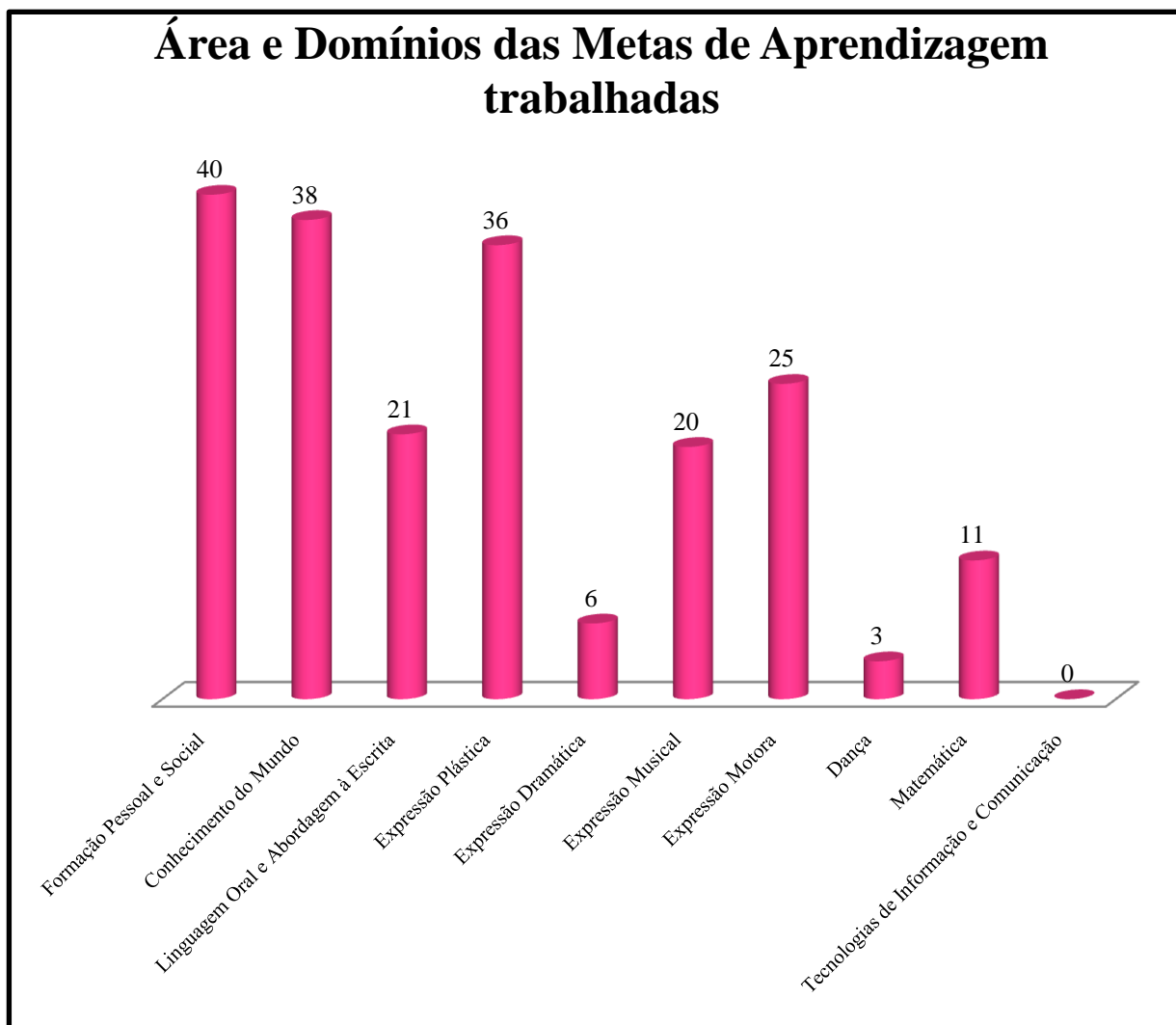


Figura 2 – Frequência das áreas e domínios das metas de aprendizagem abordadas nas atividades propostas durante a intervenção

Na Figura 2, pode observar-se que as TIC nunca foram trabalhadas, pois, tal como anteriormente foi referido, o computador da sala era para uso da educadora e não das crianças. A única possibilidade existente era usar o computador pessoal da estagiária, mas em caso de avaria o Jardim-de-Infância não se responsabilizava pelo mesmo e, por isso, não o utilizámos. As áreas da Formação Pessoal e Social e do Conhecimento do Mundo foram as áreas mais trabalhadas, pois estavam inerentes nas

próprias rotinas da sala. A formação Pessoal e Social esteve presente em todas as atitudes e atividades desenvolvidas, seja ao nível da autonomia, responsabilidade e convívio em grupo. Comparativamente, o Conhecimento do Mundo surgiu em todos os momentos de tapete, onde foram apresentados os temas a serem trabalhados e no desenvolvimento dos mesmos. As áreas menos trabalhadas foram a Expressão Dramática e a Dança. Apenas na última fase do estágio é que as crianças se mostraram mais confiantes e recetíveis a este tipo de atividades, pois a própria educadora cooperante não desenvolvia com o grupo atividades dentro dessas áreas.

Estes dados foram recolhidos após uma análise de todos os relatórios diários.

4.4. Atividades mais significativas em contexto de estágio

Neste ponto, importa explicar e descrever algumas das atividades mais significativas realizadas em contexto de estágio. De toda a prática, escolhemos três para relatar, revelando um pouco do trabalho desenvolvido ao longo da nossa prática, bem como a relação das próprias atividades com a área de intervenção escolhida, tema deste relatório final. As atividades que mais abaixo serão apresentadas focaram-se mais na área das Expressões.

A primeira atividade significativa surgiu de uma estratégia de trabalho já usada pela educadora cooperante e todo o Jardim-de-Infância. Sendo o tema dos Planos de Trabalho das Turmas as Artes, as educadoras falavam muitas vezes de pintores conhecidos e mostravam imagens de obras de arte, às crianças, dos mesmos pintores e de seguida realizavam atividades que se pudessem aproximar das obras de arte mostradas. Desta forma e querendo seguir com o trabalho da educadora cooperante decidimos falar sobre o pintor Van Gogh. Esta atividade começou com uma breve explicação de quem era o pintor. De seguida, mostrámos imagens de algumas das suas obras de arte e questionámos o grupo para o que via em cada uma das imagens, desenvolvendo, desta forma, o sentido crítico das crianças. Muitas das imagens apresentadas ao grupo referiam-se à pintura da noite (anexo 7) e daí surgiu a atividade. Como Van Gogh pintava muitas vezes a noite decidimos nós também fazer um desenho onde predominava a noite. Foi então pedido a todo o grupo que pintasse completamente uma folha A4 com lápis de cera, com as cores que quisessem. De seguida, colocámos tinta-da-china e deixámos as folhas a secarem para o dia seguinte. As crianças não

perceberam muito o porquê de terem pintado com tantas cores a folha se depois pintámos com preto por cima e isso apenas aumentou a curiosidade e a motivação para a manhã seguinte. Na manhã seguinte, depois do momento do tapete, pedimos que se sentassem nos seus lugares nas mesas de trabalho. Ainda não revelando o mistério da nossa pintura, distribuámos por cada criança um pau de espetada e as respetivas folhas coloridas. Quando lhes pedimos que começassem a pintar, eles não sabiam bem o que fazer até que lhes pedimos que raspassem a folha com o pau de espetadas e fizessem assim o desenho. Depois do primeiro traço feito, ouviu-se “uau é magia”. O grupo gostou tanto da atividade e desta “magia” que cada vez que desenhavam alguma coisa iam logo mostrar-nos. O trabalho final foi exposto, pois as crianças mostraram-se muito orgulhosas dos seus trabalhos (Figuras 3, 4 e 5).

Esta atividade revelou-se das mais significativas, pois foi uma atividade que marcou bastante o grupo. Além disso, estava ligada à área de intervenção, sendo uma atividade de livre expressão e criação. Tal como já foi referido acima, segundo Leite e Malpique (1982) a expressão plástica é uma forma da criança exteriorizar as suas energias e emoções. Através destes desenhos as crianças puderam, de forma livre e criativa, passar para o papel todas as suas ideias e sentimentos, através do ato de criar.



Figura 3 - Desenho livre com técnica do lápis de cera e Tinta-da-China (A. 5 anos)

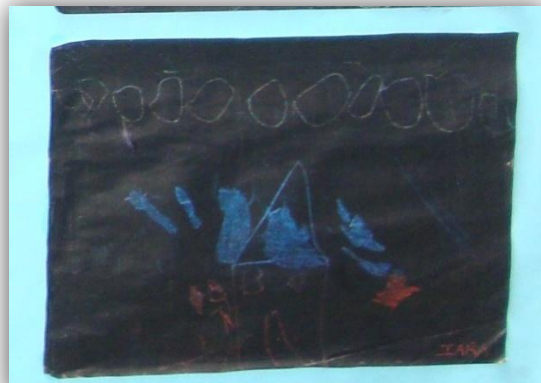


Figura 4 - Desenho livre com técnica do lápis de cera e Tinta-da-China (F. 4 anos)



Figura 5 - Desenho livre com técnica do lápis de cera e Tinta-da-China (C. 3 anos)

A segunda atividade, também no âmbito das Expressões, surgiu após a leitura da história Todos no Sofá, história de dez amigos (nove animais e um menino) que estavam sentados no sofá e um a um iam saindo de lá, e de brincadeiras de imitação de animais. As crianças propuseram fazer o teatro e achamos uma excelente ideia. Começamos então por ver quem fazia de quê e percebemos que a história só tinha dez personagens enquanto que as crianças eram dezanove e todas queriam participar. Para resolver esse pequeno conflito as crianças responderam logo que poderíamos adicionar mais personagens à história e assim foi. As crianças escolheram mais nove animais para se juntarem à história e, de seguida, escolheram as personagens a que iriam dar vida.

As OCEPE (2009) dizem-nos que se as atividades forem planeadas em conjunto com as crianças, estas beneficiam da sua diversidade, das competências e capacidades de cada criança, num processo que fomenta a partilha, o respeito pela opinião dos outros, e que estimula a imaginação de cada.

Para esta atividade foi apenas realizada um ensaio, mesmo antes da atuação apresentada às restantes salas do Jardim-de-Infância, pois queríamos que fosse o mais espontâneo e nada extensivamente treinado. As crianças apenas tiveram a indicação de que tinham de fazer de animais, exceto o menino da história que tinha de fazer de conta que adormecia no final da mesma. Para a apresentação do teatro elaborámos também umas máscaras que as crianças pintaram, já que também estávamos na altura do carnaval.

A atividade correu muito bem, o objetivo principal era que o grupo se divertisse e foi o que aconteceu. Foi engraçado observar durante a atuação, que não foi

verbalmente falada, haver crianças que estavam tão entusiasmadas que contavam a história à plateia enquanto atuavam. Sendo uma atividade de Expressão Dramática é obvio que esta este relacionada com o tema do relatório. A atividade desenrolou-se em forma de jogo. Para as crianças foi um jogo de imitação. Ao mesmo tempo as crianças desenvolveram a criatividade, no sentido em que não lhes foi dito o que tinham de fazer relativamente a cada animal.

Como Vygotsky defende, a criatividade está presente no ato de criar e recriar, está presente nas suas brincadeiras e jogos de faz-de-conta. Sousa (2003), por sua vez, defende que quando a criança desempenha um papel, esse jogo é eminentemente expressivo e criativo.

Através desta atividade as crianças poderem criar ou recriar as personagens da história, vocalmente e corporalmente de forma livre e pessoal, e criativa.



Figura 6 – Teatro adaptado Todos no Sofá



Figura 7 – Teatro adaptado Todos no Sofá

A terceira e última atividade aqui descrita surgiu do gosto das crianças por histórias e pelo imaginário. Já quase nos últimos dias de estágio o grupo manifestou o interesse por criar uma história e, como é natural, fizemos-lhes a vontade. A atividade realizou-se no tapete, onde estávamos todos sentados. Começámos primeiramente por escolher algumas personagens pudessem dar vida à nossa história, entre elas o homem-aranha, a cinderela, o rato João, um polícia e a Branca-de-neve. Depois das personagens escolhidas foi hora de começar a dar azo à nossa imaginação. O início da história foi um pouco difícil e necessário que fizéssemos o papel de mediador começando por Era uma vez. De seguida, íamos colocando questões como: Onde morava? Quem apareceu? O que aconteceu?. Estando a história acabada (anexo 8) foi altura de a ler em voz alta para

ver se tínhamos de mudar alguma coisa. O grupo gostou da história e logo quis começar a fazer a ilustração para a mesma. Desta forma, os diferentes momentos da história foram muito bem divididos para que todos participassem. Enquanto uns faziam os desenhos, outros decoravam a capa e ainda outros copiavam a história.

Esta atividade foi muito gira, as crianças adoraram a sua história e ainda se fartaram de rir com ela (Figuras 8 e 9)



Figura 8 – Capa da história “A Cinderela e o Homem-Aranha



Figura 9 – Ilustrações da história

Mozzer (2008) defende que a criatividade é a capacidade de imaginação e que é nos momentos de criação que a criança imagina. É também através deste tipo de atividades que como acredita Rodrigues (2002) que a criança pode exprimir livremente as suas ideias e sentimentos.

Foi essencial deixarmos o grupo com plena decisão criativa relativamente à história, pois “a atitude do professor em relação às obras expressivo-criativas dos seus alunos deverá ser sempre natural abstenendo-se de quaisquer julgamentos ou comentários de natureza crítica ou de avaliação”, pois são este tipo de atitudes que “desmotivam e desmoralizam profundamente a criança” (Sousa, 2003, p.27).

5. Avaliação/ Reflexão Crítica

Todo o trabalho de docente deve ser alvo de análise e reflexão. Segundo o Perfil Específico de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de Agosto) o educador deve avaliar não só o desenvolvimento e todas as aprendizagens das crianças com a sua própria intervenção, processos e estratégias utilizadas através de uma avaliação formativa.

A diversidade de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificadas utilizadas na recolha de informação permite, ao educador “ver” a criança sob vários ângulos de modo a poder acompanhar a evolução das suas aprendizagens, ao mesmo tempo que vai fornecendo elementos concretos para a reflexão e adequação da sua intervenção educativa (Circular nº4/DGIDC/DSDC/2011, p.5).

5.1. Avaliação

Desta forma elaborámos check-lists mensais (anexo 9) relativas às competências trabalhadas durante cada mês e outras duas check-lists, uma na primeira fase do estágio e uma segunda na segunda fase, que nos permitiram fazer as caracterizações inicial e final do grupo e de cada criança individualmente (anexo 6) que nos revelaram as suas evoluções. Estas check-lists foram construídas com base as Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar, de forma a registar a evolução do grupo relativo às competências trabalhadas durante cada mês, ao longo de todo o ano letivo.

Através destes instrumentos pudemos verificar se os objetivos principais da nossa área de intervenção tinham sido cumpridos e se houve alguma evolução positiva nas crianças.

Para a avaliação, além das check-lists, também foram essenciais os Relatórios Diários, que incluíram, para além de outros elementos, a descrição das atividades e competências bem como a reflexão sobre a prática desenvolvida (anexo 10).

Outro método utilizado de forma continuada foi a observação direta da realização de todas as atividades e de todas as atitudes do grupo e de cada criança e a realização de alguns registos de observação naturalista (anexo 11). Este último serviu mais especificamente para compreendermos a evolução das crianças ao nível das

interações e relações sociais, ou seja, para entendermos se o objetivo proposto relativamente à socialização tinha sido ou não alcançado.

O registo fotográfico também foi um método utilizado (anexo 12), embora nem sempre as fotografias mostrassem a evolução do grupo. No que se refere às atividades expressivas, é impossível transmitir o que cada criança sente no momento de produção e criação para uma fotografia. Segundo Sousa (2003) relativamente ao trabalho expressivo o objetivo principal é exatamente a da expressão das emoções e sentimento, trata-se de exteriorizar “a vida interior da criança” (Sousa, 2003, p. 161). “É a ação que interessa, é o ato de criar que é expressivo” não o produto final (Sousa, 2003, p.160).

Para percebermos a evolução ao nível da criatividade, objetivo previsto a ser alcançado, usámos a comparação de desenhos realizados pelas crianças antes de introduzirmos a área de intervenção prioritária e depois desta ser implementada. Uma atividade que pode expressar a criatividade do grupo foi a criação da história já referida na terceira atividade significativa (anexo 7), onde as crianças tiveram de ser criativas tanto na escolha das personagens como no desenrolar da história.

Será então, através dos instrumentos acima referidos e através da sua triangulação que iremos perceber se os objetivos propostos, quando demos início à implementação da nossa área de intervenção prioritária, foram ou não alcançados e se, desta forma, foi ou não a nossa prática desenvolvida significativa para as nossas crianças.

Sendo assim, relativamente ao tema Brincar com Artes Expressivas e Criativas realizámos diversas atividades que nos pudessem ajudar a alcançar os objetivos proposto. Um das atividades que mostram que demos continuidade ao trabalho já desenvolvido pela educadora cooperante foram referentes a dois pintores. Um pintor que foi “apresentado” ao grupo foi o pintor Vincent Van Gogh, cujos trabalhos realizados com o grupo se referiam a um desenho usando a técnica do lápis-de-cera e da tinta-da-china. Usámos esta técnica para imitar a noite, que era muitas vezes retratada nas obras de Van Gogh e o desenho foi livre, podendo o grupo desenhar o que quisesse como podemos ver nas Figuras 10 e 11.

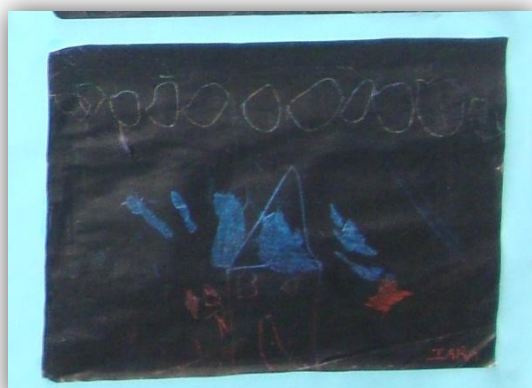


Figura 10 – Desenho livre



Figura 11 – Desenho livre

Outro pintor “apresentado” ao grupo foi o pintor Damien Hirts. Após observarmos algumas imagens de obras suas gostámos muito de duas pinturas (anexo 13) e tentámos recriar as suas obras. O pintor tinha uma pintura onde apenas tinha pintado uns pontos coloridos e recriamos a sua obra ao colar num círculo cápsulas de café pisadas. A segunda recriação referia-se a uma obra intitulada de Pintura Giratória onde através de uma caixa de cartão e um alfinete pusemos um disco com as tintas e girámos até obtermos o resultado final. (Figuras 12, 13 e 14)



Figura 12 – Atividade relativa ao pintor Damien Hirts



Figura 13 – Recriação da pintura dos pontos coloridos



Figura 14 – Recriação da Pintura Giratória

Sendo o tema do projeto curricular de turma As Artes, a educadora cooperante realizava muitas atividades que se relacionavam com pintores. Como o objetivo do estágio era que houvesse um trabalho conjunto entre estagiária-educadora achámos que seria importante dar continuidade ao trabalho já realizado em sala. Estas atividade, mais especificamente a primeira, também permitiram ao grupo desenvolver a sua criatividade, na medida em que o desenho era de expressão livre.

Outra atividade que também contribuiu para o desenvolvimento da criatividade, validando o alcance do objetivo proposto relativo ao mesmo, foi a construção de uma história já mencionada mais acima como uma atividade significativa. O grupo teve de se mostrar criativo, pois tiver de escolher as personagens e teve de imaginar toda a narrativa da mesma e o resultado foi muito engraçado (anexo 8). Outra prova de que as crianças evoluíram foram os seus desenhos, que foram sendo cada vez mais criativos, seja no uso de cores ou na realização de maiores pormenores. Podemos ver alguns exemplos nas figuras 15, 16, 17 e 18:



Figura 15 – Desenho A. início do ano



Figura 16 – Desenho A. final do ano



Figura 17 – Desenho A.P. início do ano



Figura 18 – Desenho A.P. final do ano

Outro objetivo era melhorar as interações do grupo e para isso realizámos diversas atividades em que tinham de trabalhar em conjunto ou quando atividade era realizada em grande grupo. Um das atividades que se revelaram tão importantes, tanto para a evolução das interações entre as crianças, como para a autoestima das mesmas foram os pequenos jogos de dramatização. Um exemplo disso foi o teatro da adaptação da história Todos no Sofá, atividade descrita nas atividades significativas. As crianças no início sentiam-se mais retraídas e o facto de as atividades serem realizadas em grande grupo e onde todos se expunham tornou mais fácil a evolução da autoestima e consequentemente das relações entre as crianças.

Resultado de todas estas atividades também foi a evolução do grupo em termos de expressão e comunicação.

5.2. Reflexão

Embora tivéssemos uma temática definida, nem sempre as atividades foram ao encontro do mesmo. Primeiro por termos tido alguma dificuldade, no início da implementação do tema para arranjar atividades que acima de tudo apelassem ao grupo e que fossem bastante diversificadas. Segundo, porque sendo o estágio um trabalho conjunto, a própria docente cooperante dava sugestões do que podíamos fazer relativamente às planificações da mesma. Quanto às atividades desenvolvidas durante todo o ano letivo temos a referir que fugiu muito à planificação curricular anual da estagiária (anexo 5). As áreas mais trabalhadas foram a Formação Pessoal e Social, o Conhecimento do Mundo e a Expressão Plástica, as duas primeiras estavam sempre

presentes em todas as atividades e a terceira pois estava ligada com a área de intervenção prioritária. As áreas menos trabalhadas foram a Expressão Dramática e a Dança e a área das Tecnologias de Informação e comunicação nunca foi desenvolvida. Acreditamos que isto se deveu ao facto de termos aproveitado todas as propostas das crianças em atividades que não estavam inscritas no plano anual e também porque fomos seguindo um fio condutor ao longo das nossas intervenções, pelo que não faria sentido realizar certas atividades.

Tivemos a preocupação constante de respeitar o carácter de flexibilidade da planificação curricular anual a fim de não torná-lo um elemento limitativo da nossa intervenção.

As atividades desenvolvidas foram sempre muito bem pensadas, tentando sempre não agir por agir. Tivemos sempre em conta as necessidades e interesse do grupo e das crianças individualmente.

Relativamente ao ambiente da nossa prática, sendo adultos e exemplo para os mais pequenos, tentámos transmitir ao grupo um bom trabalho cooperativo entre os adultos da sala e do Jardim-de-Infância. Respeitamo-nos mutuamente e formámos uma boa equipa de trabalho. Esta boa relação criada com a docente cooperante foi essencial na medida em que nos sentíamos a vontade para falarmos sobre a nossa prática. As dicas e críticas construtivas foram sem duvida uma mais valia.

Uma semana antes do estágio acabar, decidimos questionar o grupo acerca das atividades que mais tinham gostado de realizar e fizemos o registo do que as crianças diziam (anexo 14). As crianças lembraram-se de muitas atividades, umas realizadas mais recentemente e outras que já tinham sido efetuadas há alguns meses atrás. Revelaram-nos que gostaram de muitas atividades e que desta forma a nossa prática foi significativa para cada um deles.

Ainda relativamente à nossa prática, acreditamos que muita coisa podia ser feita, que muitas outras coisas tínhamos para partilhar com os nossos meninos e eles connosco.

Por fim, acredito que crescemos imenso com este ano de estágio, tanto a nível pessoal com a nível profissional. Aprendemos a ser humildes, na medida em que não somos possuidoras de todos os conhecimentos. Aprendemos que não faz mal pedir ajuda e que um trabalho conjunto tem muito mais valor. Profissionalmente, aprendemos que não devemos fazer julgamentos, mas sim tentar compreender. Aprendemos que

temos de ver com olhos de ver e de conhecer, procurar conhecer as nossas crianças, pois só assim podemos fazer a diferença. Só assim podemos realizar uma prática diferenciada e adequada. E como a capacidade de aprender e ir mais além não é escassa desejamos continuar a melhorar progressivamente a nossa prática pedagógica, desenvolvendo sempre a capacidade de refletir, com a intenção de melhorar e aperfeiçoar todas as nossas propostas.

“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática.” (Freire, 1991 citado por Hypolitto, 1999, p.1)

6. Conclusão

Para a conclusão do relatório final é fundamental fazermos um apanhado de todo a nossa prática pedagógica. Este estágio desenvolveu-se à volta de uma área de intervenção prioritária escolhida após algum tempo de observação. Esta fase de observação foi essencial para conhecermos todo o ambiente educativo, dando especial ênfase nas crianças da nossa sala, pois foram estas o alvo para o qual planeámos diversas atividades. Foi-nos possível fazer uma breve caracterização da instituição e do próprio meio onde a mesma se insere. Pudemos também fazer uma caracterização pormenorizada da sala, bem como de todos os meios e materiais que esta proporciona ao grupo, e ao grupo e cada criança individualmente. Conhecer a sala e o grupo é uma prática fundamente. Segundo as OCEPE (1997) esta investigação é essencial, pois condiciona de forma direta todas as atividades e processos das mesmas, logo influenciando o processo de aprendizagem e permite-nos fazer uma prática diferenciada às necessidades de cada criança. Após conhecermos bem o grupo e de termos realizado as caracterizações, espelho de todo o ambiente educativo, foi decidido que iríamos trabalhar o tema Brincar com Artes Expressivas e Criativas e foram propostos alguns objetivos a serem alcançados até ao final do estágio. Depois de muitas atividades realizadas junto do grupo acreditamos que os objetivos foram alcançados. Após a observação naturalista e sistemática do grupo ao longo de todo o estágio, dos registos dos mesmo e da análise de check-lists percebemos que atualmente as crianças têm

confiança em si e nos outros, melhorou imenso a nível das relações sociais, dando-se com todas as crianças e adultos do Jardim-de-Infância. Ao revelar mais confiança em si, o grupo também se permitiu a si próprio uma exteriorização dos seus sentimentos e emoções, mostrando uma evolução também a nível expressivo e comunicativo.

Consequentemente, após muita pesquisa e investigação sobre o tema desenvolvido, ficámos a conhecer muito mais acerca da importância da educação artística. Muitos são os educadores que vêem a educação artística como um passatempo ou enfeite da sala para datas comemorativas. No entanto, a educação artística é muito mais do que isso. Trata-se da utilização de linguagens expressivas. Através dos seus rabiscos, dos seus desenhos e das suas brincadeiras de faz-de-conta a criança utiliza meios de se expressar.

Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações (Gonçalves, 1991, citado por Sousa, 2003, p. 169).

Mais uma vez, é importante referir que a educação artística “pressupõe a seguir, uma íntima integração interdisciplinar (de todas as disciplinas e não apenas das artísticas)” (Sousa, 2003, p.63) com objetivos voltados para o desenvolvimento harmonioso integral da criança.

Por fim, acreditamos que é indispensável seguir uma prática pedagógica baseada nestes pressupostos, onde proporcionamos à criança um desenvolvimento harmonioso, onde esta se possa sentir segura e confiante de si, preparando-a para o futuro e para os obstáculos que a sociedade lhe impõe. Com certeza que esta metodologia de ensino fará parte das nossas metas pessoais e profissionais a desenvolver com qualquer grupo de crianças.

Referências Bibliográficas

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill

Cardona, M. (1992). A organização do espaço e do tempo na sala de jardim-de-infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 24, pp. 8-15.

Cardona, M. (2007). A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplo de alguns instrumentos de apoio. *Cadernos de Educação de Infância*, 81, 10-15.

Caruso, R. (2008) *A importância da rotina para a criança*. Retirado de: http://www.criancaefesta.com.br/noticias.asp?id_noticia=111 em 15 de maio de 2014.

Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes – uma estratégia de formação de professores* (4ª edição). Porto: Porto Editora.

Fróis, J. (2011). *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Godinho, J., & Brito, M. (2010). *As Artes no Jardim-de-Infância – Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Hypolitto, D. (1999). *Repensando a formação continuada*. Retirado de: http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/56_16.pdf em: 6 de março de 2014.

Kowalski, I. (2012). Criatividade e educação estética na infância – breves pontos. *Cadernos de Educação de Infância*, 96, 47-49.

Leite, E., & Malpique, M. (1986). *Espaços de Criatividade – A Criança que Fomos/ A Criança que Somos Através da Expressão Plástica*. Porto: Edições Afrontamento.

Mozzer B. (s/d) *A criatividade infantil na perspectiva de Lev Vigotski*. Retirado de: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/5269/4314> em: 5 de maio de 2014

Orientações curriculares para a educação pré-escolar (4ª edição) (2009). Portugal: Editorial do Ministério da Educação.

Pocher, L. (1982). *Educação artística: luxo ou necessidade?* Summus Editorial

Rodrigues, D. (2002). *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto: Edições Asa.

Rodrigues, P. S. (2012). *A Organização das escolas de educação infantil: concepção de infância e intencionalidade educativa*. Retirado de: http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3262p.pdf em: 1 de novembro de 2013.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. 1º Vol. – Bases Psicopedagógicas. Instituto Piaget. Horizontes pedagógicos

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. 2º Vol. – Drama e Dança. Instituto Piaget. Horizontes pedagógicos

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. 3º Vol. – Música e artes plásticas. Instituto Piaget. Horizontes pedagógicos

Lopes, J. & Silva, H. S. (2009). *A aprendizagem cooperativa na sala de aula – Um guião prático para o professor*. Edições Técnicas, Lda

Legislação:

Circular nº4, de 11 de abril de 2011 (2011). Dispõe sobre a avaliação na educação pré-escolar. Retirado de: <https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&ved=0CDMQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.dgidec.min-edu.pt%2Feducacaoinfanzia%2Fdata%2Feducacaoinfanzia%2FLegislacao%2Fcirculara%2Favaliacaoopedocumentofinal.pdf&ei=brHIUbLBMs3Q7Aa6zYCQBw&usq=AFQjCNEG6yVvdnLKvrXolpivBhyf1ws6Rg&bvm=bv.48293060,d.ZGU> em: 3 de Julho de 2014

Decreto-Lei nº241/2001, de 30 de agosto de 2011 (2011). Dispõe sobre o Perfil específico de desempenho do educador de infância. Retirado de:https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.dgidec.min-edu.pt%2Feducacao infancia%2Fdata%2Feducacao infancia%2FLegislacao%2Fdl241_01.pdf&ei=cLLIUcCrMLLQ7Aa9nYD4BQ&usg=AFQjCNG5tsTDW-4dbp0OIehc7dedd2bPMA&bvm=bv.48293060,d.ZGUem: 23 de Junho de 2014

Websites utilizados:

Site do Agrupamento Fernando Pessoa, <http://agrupamentofernandopessoa.pt/>

Anexos

Anexo 1 – Fichas de Caracterização da Escola e do Meio

Anexo 2 – Fotos da sala

Anexo 3 – Planta da Sala

Anexo 4 – Guião para a avaliação da organização do tempo e do espaço no jardim-de-infância

Anexo 5 – Plano Curricular Anual da Estagiária

Anexo 6 – Caracterizações inicial e final do grupo e individual

Anexo 7 – Imagens de obras de arte do pintor Vincent Van Gogh

Anexo 8 – História

Anexo 9 – Check-lists mensais

Anexo 10 – Relatórios Diários

Anexo 11 – Observações Naturalistas

Anexo 12 – Registos fotográficos dos trabalhos realizados ao longo do ano

Anexo 13 – Imagens de obras de arte do pintor Damien Hirts

Anexo 14 – Registo - O que mais gostaram de fazer?